



EDITORIAL

A viagem tem sido um dos símbolos mais persistentes e duradouros da modernidade no Ocidente. A partir das navegações do século XV e XVI, ela se converte em metáfora de conhecimento, do novo, de exploração e domínio do espaço, bem como em promessa de liberdade potencial do indivíduo. Durante o cientificismo e o romantismo dos séculos XVIII e XIX, o viajante passa a ser reconhecido como um explorador e relator da natureza e de culturas distantes. No século XX, não só a viagem foi se massificando e democratizando no turismo de massa, o que provoca a perda de sua dimensão de descoberta e de aventura, como também o fenômeno da globalização (aliado ao ritmo industrial cada vez mais acelerado das complexas sociedades contemporâneas e sob o impacto das Novas Tecnologias) vem promovendo, entre outras coisas, novas formas de deslocamentos, a "presentificação do mundo" e a fragilização das fronteiras. Isto é, assistimos, nas últimas décadas, ao que alguns teóricos têm denominado a compressão da relação espaço-temporal.

O núcleo temático deste número de *Lugar Comum* abrange algumas das questões que envolvem a discussão do papel e o sentido das *Viagens, Deslocamentos e Fronteiras no Mundo Contemporâneo*. Alguns dos testemunhos mais importantes da cultura imperial portuguesa, os relatos de naufragos do século XV e XVI - recopilados na clássica Narrativa trágico-marítima - são discutidos por Madeira e tematizados como exemplos do imaginário colonial de época que levou à descoberta do Brasil. Lopes aborda a questão da viagem a partir da relação entre individualidade, sensibilidade e formação burguesa; Medeiros discute a imagem exótica do Brasil criada pelas representações norte-americanas, em particular no livro Gibson; e Grimson e Prado discutem a relação entre culturas (identidades) e fronteiras

locais, nacionais ou transnacionais, problematizando os processos de reterritorialização, de constituição de um "lugar" frente às dinâmicas globalizantes.

Nosso século apresenta também um lado sombrio da experiência do deslocamento. Se, no romantismo, a viagem foi percebida como expressão de liberdade, a reclusão nos campos de concentração representa a negação dos direitos fundamentais do homem (ilustrado pelos quadrinhos *Maus*, tema do artigo de Cardoso). O controle das migrações de massa no atual contexto político transnacional atualiza o fenômeno dos campos de concentração ("camps") nos conflitos dos Balcãs. Em seus ensaios, Negri, Hardt e Agamben realizam uma aguda reflexão filosófica sobre o controle das fronteiras e os limites entre o público e o privado no mundo contemporâneo.

A cultura contemporânea, marcada pela pluralidade, fragmentação e pela presença cotidiana das redes telemáticas e de novas formas de controle, define-se cada vez mais, por uma percepção radicalmente diferente do espaço e da subjetividade. Os aventureiros de hoje não precisam mais sair de casa para descobrir o mundo e a relação entre experiência concreta e imaginária modificou-se sensivelmente com conseqüências futuras que ainda não conseguimos prever.

OS EDITORES

Carlos Alberto Messeder Pereira

Elizabeth Rondelli

Giuseppe Cocco

Karl Erik Schollhammer

Micael Herschmann